

fascículo no todo - NRB 210987-0

i-sab

**5** ANO 3  
NÚMERO 5  
JULHO 1997  
REVISTA  
TEMÁTICA

ISSN 0104-7183

# Horizontes Antropológicos

## DIFERENÇAS CULTURAIS

NÚMERO ORGANIZADO POR  
Ruben George Oliven

PUBLICAÇÃO DO PROGRAMA  
DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL  
DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 3, n. 5, p. 309, julho de 1997

---

## TESES

KNAUTH, Daniela. 1996. *Le Sida chez les femmes: maladie et quotidien dans les groupes populaires au Brésil*. Tese de Doutorado, École des Hautes Études en Sciences Sociales (França), 1996.

**Claudia Fonseca**

**Universidade Federal do Rio Grande do Sul - Brasil**

*Quando apareceram, no início dos anos 80, os primeiros casos de Aids, ninguém imaginou as dimensões que essa doença "estranha" e nova ia tomar no decorrer dos anos seguintes. Desafiando a medicina e os conhecimentos científicos, a Aids escapava aos modelos patológicos tradicionais. Como doença transmissível e letal, lembrava as grandes epidemias de nossa história - as de colera, de tuberculose e de sífilis. Sua explosão quase simultânea nos países do Primeiro e Terceiro Mundo, (...) vem confirmar o caráter paradoxal dessa doença; Aids, doença ao mesmo tempo moderna e pre-moderna, do desenvolvimento e do sub-desenvolvimento(...) Situada a meio caminho entre o passado lembrado e o futuro imaginado, ela nos incita a refletir sobre o presente. Mas um presente que revela simultaneamente a trajetória sociocultural da sociedade (e dos grupos sociais), como as escolhas e trajetórias individuais.*

Assim começa a tese de Doutorado em Etnologia e Antropologia Social, "Le Sida chez les femmes: maladie et quotidien dans les groupes populaires au Brésil", defendida por Daniela Knauth em junho de 1996 na Ecole de Hautes Etudes, sob a orientação de Marc Augé.

Aids como a doença do "outro", um outro que se aproxima cada vez mais, um outro que arrisca se confundir com si mesmo... É esse o tema que norteia Daniela que, como um cineasta com

*zoom*, ora se aproxima de seus sujeitos, entrando nas percepções mais íntimas dos "nativos", ora se distancia para "ir além" e pensar, analiticamente, sobre a realidade brasileira em que os acontecimentos se inserem. A partir de seu estudo de campo entre 40 mulheres pobres atingidas pelo vírus da Aids tratadas no Hospital das Clínicas de Porto Alegre, ela vaculha os diversos textos que influenciam a maneira em que essa doença é vivenciada: o contexto sócio-histórico, o imaginário social, as relações sociais. Aids serve aqui não somente como objeto de análise mas também como "revelador social" das várias dimensões da realidade em que está inserida. A meditação sobre questões éticas da relação entre pesquisadora-pesquisado serve como exemplo perfeito de como, em boas mãos, um debate da antropologia clássica revive e se aprofunda no encontro com o tema de Aids.

Seguindo as mulheres nas diversas instâncias de suas vidas - no médico, no culto ou igreja, na família, Daniela toca nos grandes temas da antropologia. Aos poucos, o leitor vai adentrando um universo antes impensado, descobrindo a visão particular dessas mulheres sobre seu corpo, sua doença, sua família, e a eventualidade de sua morte. Na terceira parte da tese centrada nas "identidades", vemos desenvolvida uma análise que coloca essas mulheres como eixo de tensões e conflitos familiares. Surgem aqui questões sobre a relação conjugal, a maternidade, as disputas entre consanguíneos e afins... Vemos, através do processo dramático da doença, as acusações que separam as pessoas em gente da família e gente de fora. Para cuidar dos doentes, as redes de ajuda mútua assumem uma forma concreta, revelando o lugar das diferentes relações na hierarquia de prioridades. Vemos, enfim, em quais símbolos as mulheres - enquanto mães, filhas e esposas - se agarram para fazer a vida (e a luta) valer a pena.

A autora não vira as costas, nem minimiza a importância das possíveis contribuições que sua pesquisa possa fazer para trabalhadores da saúde pisando no solo pouco familiar da favela, querendo "entender" comportamentos aparentemente incompreensíveis... Mas a tese de Daniela reflete antes de tudo a excelência de uma análise alicerçada na sólida reflexão teórica e é nesse campo que, sem dúvida, terá uma duradoura repercussão.

Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da UFRGS, ela já participava como pesquisadora do NUPACS (Núcleo de Pesquisa da Antropologia do Corpo e da Saúde) antes de estudar na França. Desde sua volta, ao mesmo tempo que desempenha suas funções de professora adjunta de Antropologia concursada no Departamento de Medicina da UFRGS, coordena esse mesmo Núcleo onde, junto com a colega, Ceres Victora, continua uma linha de investigação, fundada por Ondina Fachel Leal, em que aparece o melhor de uma variedade de tradições - da antropologia clássica, dos debates eminentemente contemporâneos sobre corpo e saúde, e das reflexões sobre possíveis diferenças culturais entre grupos (em particular populares) da sociedade complexa.

VÍCTORA, Ceres Gomes, *Images of the body: lay and biomedical views of the reproductive system in Britain and Brazil*. Tese de Doutorado, Brunel University (Inglaterra), 1996.

**Daniela Knauth**

**Universidade Federal do Rio Grande do Sul - Brasil**

A tese de doutorado intitulada *Images of the Body: Lay and Biomedical views of the Reproductive System in Britain and Brazil*, defendida por Ceres Gomes Víctora, junto ao Departamento de Ciências Humanas da Universidade de Brunel, Londres, é o resultado da própria trajetória acadêmica da autora que desde 1989 vem refletindo sobre a temática do corpo, sexualidade e reprodução. O trabalho foi orientado por um dos grandes nomes da Antropologia Médica internacional, Ronald Frankenberg. É também um excelente exemplo de como os estudos centrados no corpo, saúde e doença podem resgatar, através de suas temáticas específicas, algumas questões centrais à Antropologia. Tomando o corpo como objeto privilegiado de análise, a autora demonstra como as categorias de tempo e de espaço, bem como a composição da unidade doméstica e as relações de gênero são fundamentais na compreensão de como as pessoas pensam e experienciam seu corpo. Este argumento é reforçado pelo próprio trabalho de campo que tomou dois grupos diferenciados - um grupo de mulheres britânicas pertencentes às classes médias e trabalhadoras e um grupo de baixa renda do sul do Brasil - possibilitando a análise comparativa das concepções de corpo e interpretação do conhecimento médico, salientando as especificidade de cada um dos contextos em questão.

Revisando os diferentes estudos sobre o corpo nas ciências sociais, a autora chama a atenção para o fato de a maioria destes trabalhos assumir uma visão dualista dos processos sociais, vendo-os sob dicotomias tais como indivíduo-sociedade, natureza-cultura, corporemente. É no sentido de romper com a dicotomia corpo/mente e de conceber uma dimensão do conhecimento que é experimental e sensível, que a autora resgata autores como Csordas, Merleau-Ponty e Bourdieu. O corpo é visto, assim, sob o paradigma do *embodiment*,